

DEVIDO À ACÇÃO DOS BANDIDOS ARMADOS

ESCOLAS ENFRENTAM PROBLEMAS PEDAGÓGICOS SÉRIOS

- Mais de 45 por cento da rede escolar destruída
- ★ Para cima de 500.000 alunos afetados

por Fátima Albuquerque (texto) e Marco Teixeira, do UNICEF (fotos)

Para além de alvos económicos, os bandidos centram a sua acção em sectores sociais, entre os quais escolas. E aí matam, pilham, destroem, cometem as maiores atrocidades, mas, até hoje, não foi ainda possível determinar os efeitos dessa violência nas cabeças das crianças. Em zonas afectadas pela guerra, os professores confrontam-se com problemas pedagógicos sérios para conseguir resultados satisfatórios em turmas com crianças que manifestam inquietação, medo, apatia, agressividade, timidez, nervosismo, insociabilidade, falta de interesse e de concentração ou que choram constantemente nas aulas devido a traumatismos resultados da guerra.

As escolas poderão ser reconstruídas com maiores ou menores dificuldades, dependendo apenas da nossa disponibilidade financeira; o equipamento escolar, idem; mas os problemas morais e psicológicos causados às crianças, esses, deixam marcas profundas, e em muitos casos, talvez para toda a vida. É uma geração cujo futuro se encontra comprometido, daí que este assunto esteja já a merecer uma atenção especial da parte das estruturas da Saúde e da Educação. Uma situação séria e a exigir um maior envolvimento de outras estruturas, assim como de toda a comunidade.

Amélia Filipe, de 10 anos de idade, foi baleada pelos bandidos e tem ainda uma ferida profunda no couro cabeludo, por cicatrizar. Os olhos inexpressivos, como que distante o seu espírito. No primeiro contacto, só ao fim de quase meia hora consegui lograr êxitos ao entrevistá-la. Olhava-me receosa, desconfiada, não queria falar. Dizia que tinha frio; queria dormir. Quando o Paulo tentou fotografá-la, ela ouviu o disparo da máquina, tapou a cara e pediu que tirassem aquela coisa da frente, pois tinha medo.

Amélia conta que certa noite, em Chibabava, onde nasceu e cresceu, viu muita gente a gritar e a fugir, e os bandidos entraram em sua casa e raptaram o pai. Como a mãe, a chorar, se agarrasse a ele, espeteram-lhe uma arma grande na barriga, diz:

— Ao meu irmão pequenino — continua — eles furaram a garganta e saía muito sangue. Tinha um buraco assim. — E Amélia faz um gesto, possivelmente para ilustrar o diâmetro da ferida, mas interrompe para esconder as lágrimas que lhe caem pela face. Engole em seco e com ar altivo para a sua idade, continua: — Como tentei fugir, eles deram-me um tiro na cabeça e eu morri.

E depois?

— Depois acordei e estava aqui na Beira.

No dia seguinte voltei novamente ao Infantário Provincial e quando Amélia me viu veio logo cumprimentar-me. E sem que eu lhe perguntasse nada, tocou-me no braço e disse: Sabes, furaram a garganta do meu bebé e o sangue escorria e parecia água. E a minha mãe tinha os intestinos de fora. Os olhos assim, a olhar.

E Amélia tinha um sorriso estranho, suplicante, o olhar distante, entrelaçava as mãos com nervosismo. Eu sentia que o trauma era bastante profundo e naturalmente que ela queria falar. Mas que dizer-lhe? Sentia um nó na garganta e não encontrava palavras. A Diana, professora há longa data e que me acompanhava, ainda se lhe dirigiu: Esquece lá isso, Amélia, já passou.

Ainda hoje me interrogo: Mas será esta a resposta que ela esperava? Haverá alguma resposta para esta e outros milhares de crianças violentadas pelo banditismo armado? O que não se passará no mundo interior destas crianças? Que reflexos no futuro se não se lhes der a devida atenção?

Também a morar no Infantário, encontra-se João Luís. Em Junho de 1986 ele encontrava-se a fre-

quentar a 4.ª classe numa escola em Inhamitanga. Os bandidos assaltaram o distrito e os pais foram raptados. Com apenas nove anos de idade, viu-se sózinho a tomar conta de mais três irmãos, de sete, seis e quatro anos, respectivamente.

— Escondêmo-nos no mato até que acabou a comida.

E tu, como mais velho, o que é que fizeste?

— Chorei muito e todos os meus irmãos começaram também a chorar, até que apareceu um amigo do nosso pai que andava escondido no mato. Ele levou-nos para a casa do comandante militar e, mais tarde, ficámos a viver no Infantário, aqui na Beira. Estamos à espera de lugar na escola.

Em zonas de guerra, todas as crianças, tal como estas, arrastam atrás de si um passado de violência, o que é prejudicial ao seu desenvolvimento harmonioso. O facto de terem perdido os pais complica ainda mais a situação, pois que em condições normais a reintegração não seria tão problemática, desde que restabelecidos os laços afectivos com os familiares e reconquistada a confiança em si próprias e no meio ambiente em que vivem.

Foi considerando a gravidade e a dimensão da situação gerada pela guerra que o Ministério da Educação decidiu adoptar métodos de trabalho mais adequados à situação de emergência, visando enquadrar com a maior urgência a população escolar afectada. A par dos esforços organizativos e administrativos para garantir este objectivo, também envia esforços para a reposição de mais escolas e equipamento indispensável ao funcionamento normal do ensino e à melhoria das condições de vida dos alunos e professores.

Nesta perspectiva e inserido numa acção mais global, aquele Ministério, com assessoria do Instituto de Pesquisas Heloisa Marinho, do Brasil, e com cooperação do UNICEF, iniciou em Janeiro deste ano um programa de capacitação de professores para atendimento à criança em situação difícil. Em seminários com a duração de quatro a cinco dias, foram abrangidos até ao momento 150 professores em provincias mais afectadas pela guerra, nomeada-

mente Tete, Zambézia, Niassa, Sofala e Maputo. Estes professores, por sua vez, deverão organizar-se para, ao nível dos seus distritos, contribuir na formação dos seus colegas.

Para que se possa dimensionar a situação e o alcance de um programa do género, importa referir alguns dados estatísticos que dizem respeito a Abril de 1983 até 1987.

Por exemplo, em Tete, das 479 escolas que existiam encontravam-se paralisadas 391, restando 88; das 1242 existentes na Zambézia encontravam-se paralisadas 834, tendo ficado a funcionar 408; a província de Sofala tinha 386 escolas primárias: foram destruídas 231; na província do Maputo havia 339 escolas: estão a funcionar apenas 151.

Em termos percentuais, a nível de todo o País, a rede escolar destruída no ensino primário corresponde a mais de 45 por cento, o que afectou para cima de 500 000 alunos e 7154 professores.

Esta acção destruidora não se limitou ao ensino primário. Atingiu igualmente grande número de escolas secundárias, centros de formação de professores, internatos, escolas agrárias e centros de formação profissional.

Convém, no entanto, salientar o esforço para a construção de mais escolas, o que é notório nalgumas províncias, com grande apoio da população.

CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES

Começou a falar-se pela primeira vez em capacitação de professores para atendimento à criança em situação difícil no início deste ano e hoje esta actividade vai na sua segunda fase e consiste na avaliação dos professores de modo a saber até que ponto interiorizaram os conceitos básicos de Psicologia que lhes foram transmitidos.

Paralelamente, os seminários pretendem desenvolver conhecimentos e aptidões, que permitam aos professores treinar os seus colegas nas técnicas de reabilitação psicossocial, a aplicar às crianças em situação difícil, particularmente as que manifestam com mais evidência perturbações no seu desenvolvimento.

Em Sofala o respectivo seminário, em que tive a oportunidade de participar, foi orientado por técnicos do Departamento de Educação Especial do Ministério da Educação e consultores do Instituto Heloísa Marinho, do Brasil, com apoio do UNICEF.

De salientar o facto de ter sido um seminário essencialmente prático, objectivo e didáctico.

Eu estava à espera de um encontro enfadonho, a analisar documentos e relatórios imprecisos, mas acabei por me ver envolvida, juntamente com os professores, em situações em que eles próprios eram colocados na posição de alunos. E o educador tinha que participar na aula de desenho, nos jogos, na feitura de brinquedos, de modelagem, num trabalho em que, como se constatou, cada um apren-

dia a inserir-se no colectivo, tal como é, demonstrando as suas capacidades e aptidões, assim como as suas insuficiências.

Depois de cada actividade, o Dr. Jairo Werner, médico psiquiatra e o professor Paulo Lima, ambos de nacionalidade brasileira, insistiam para que cada um exprimisse a sua opinião sobre como sentiu a sua integração no trabalho.

Colocando-se ele próprio como elemento participativo neste processo, o professor ganhava consciência e sensibilidade para o facto de que cada criança, cada ser humano é uma personalidade e é preciso desenvolver as suas potencialidades. Importa saber como fazê-lo, como orientá-la, tendo em conta o seu passado de violência.

Ao ter que fazer um desenho e depois interpretá-lo ou contar uma história a partir de imagens expostas, o professor apercebia-se da importância de que deve ter em conta as limitações da criança, as suas dificuldades, a necessidade de valorizar o seu esforço, por mínimo que seja, e toda uma série de aspectos pedagógico-didácticos indissociáveis do processo de leccionamento mas que muitas vezes são descurados.

Este aspecto e as metodologias a aplicar nos alunos de uma forma geral e em particular nas crianças afectadas mereceram uma atenção especial.

Particular destaque foi dado à importância das actividades expressivas e diversificadas como estratégia de adequação da escola à situação de emergência. E, aqui, a participação dos professores foi também bastante activa. Ao terem que participar em determinadas actividades práticas, admitiram, no final, que no início se sentiam retraídos, com receio de mostrar ao companheiro de lado o seu desenho ou o seu brinquedo. A medida que o trabalho decorria, foram-se desinibindo e começaram a dar uma maior participação e a libertar a sua iniciativa criadora.

Por exemplo, num dos dias foi lançado o seguinte tema **Do caos à reconstrução**. Os participantes foram convidados a formar uma roda, a fixar o olhar em alguém e a andar pelo meio em jeito de passeio. As tantas gerou-se uma confusão que já ninguém sabia como sair-se dela. Neste caso, o que interessava exemplificar e fazer assumir é que normalmente quando a criança chega aos centros de acomodação ou à escola, depois de ter estado no cativeiro dos bandidos, ela encontra-se num caos e é preciso reconstruir tudo de novo. O professor deve estar apto e atento para perceber no mínimo detalhe como se manifestam os seus problemas, como evolui à medida que se vai lidando com ela, que estímulos necessita para a sua reabilitação.

Através da análise e da discussão, os participantes chegaram à conclusão de que é essencial o papel da comunidade na reabilitação da criança.

— A alimentação e a estimulação essencial são factores determinantes. Sem alimento, a criança fica desnutrida, adoce e pode vir a morrer. Sem estímulos essen-

ciais torna-se apática, fica menos resistente e pode até morrer, ou ficar comprometido o seu desenvolvimento. Há necessidade de restituir-lhe tanto o alimento como o afecto (estímulos essenciais). Para tal, há necessidade de organizar a comunidade, a família e a escola — defende a equipa de assessores do Instituto Heloísa Marinho, que enfatiza:

— A violência armada é uma das experiências mais traumáticas que uma criança pode ter. Ela precisa de segurança emocional da família e do seu grupo, precisa expressar e comunicar os seus sentimentos, precisa de ter o direito de ser criança — só assim se irá desenvolver e preservar a sua saúde mental.

A SOLUÇÃO DE MUANZA

A integração das crianças nas suas próprias famílias, quando estas existem ou o recurso a famílias substitutas, seria o ideal para acelerar a reabilitação das crianças. Mas isso nem sempre é possível. Basta dizer que em Sofala estão registadas 11 075 crianças em situação difícil, grande parte das quais são órfãs ou se encontram em situação de abandono.

Muitas famílias, porque também têm problemas materiais, não as aceitam; nos casos em que a integração é feita, muitas vezes o professor tem que intervir, porque as crianças adoptadas são maltratadas e isso reflecte-se quer no seu comportamento, quer ainda no aproveitamento escolar. No entanto, convém salientar que muitas famílias têm assumido o papel de famílias substitutas com responsabilidade, não se notando desigualdade no tratamento em relação aos filhos adoptados.

O Centro de Deslocados de Muanza, cuja população se encontra a viver provisoriamente no Dondo, é um dos poucos exemplos de reorganização com o esforço de todos e espírito de entreatajuda. Aqui, muitas crianças foram integradas em famílias substitutas e existem condições morais, materiais e psicológicas para a sua reabilitação.

O primeiro aspecto e talvez o mais importante é que existe organização e à medida que os deslocados vão chegando a integração e adaptação da população em geral é fácil e naturalmente que também a da própria criança.

Na escola, existem já professores capacitados, do seminário realizado em Janeiro, que estão não só a aplicar as técnicas básicas aprendidas, como a introduzir novas experiências. Neste último seminário, em Sofala, foi sublinhado o facto de terem dado grande importância à reabilitação das crianças recém-chegadas pelas outras crianças.

É bonito ver Muanza. A população fervilha de actividade, o esforço é notável. Tem já grande parte das infra-estruturas montadas e a funcionar. É agradável ver a escola bem maticada e cada criança sentada no banco (em Maputo), as crianças sentam-se no chão, porque as carteiras foram roubadas...!)

Em Muanza, a casa, a escola, o Centro de Saúde, o Centro Cultural, tudo foi construído pela própria população, por isso estima o pouco que tem, feito com o suor do seu esforço e em condições psicológicas difíceis, pois que todos os habitantes fugiram do cativo dos bandidos ou abandonaram a sua zona de origem fugindo da guerra.

Na escola, coberta de lusalite, é possível ver numa das salas, uma aula própria para as actividades de modelagem. A mesma é destinada às crianças que chegam pela primeira vez à escola, fazem o teste diagnóstico para se determinar em que classe deverão ser colocadas e vão participando em aulas de reintegração para, no mais curto espaço de tempo, serem integradas em turmas regulares. Convém salientar que muitas vezes é difícil determinar em que classe é que a criança se encontra, porque em caso de um ataque tudo é destruído e a criança não pode provar em que classe se encontrava antes. Os professores têm de basear-se nas suas declarações, recorrer a pessoal que a conheça e saiba em que classe se encontrava. Neste caso, é logo integrada mas, de outra forma, deve fazer os testes.

É um esforço organizativo complexo e que exige, de facto, professores qualificados e idóneos.

Cheguei a Muanza na altura das férias escolares, mas alunos e professores da 5.ª classe encontravam-se em aulas de recuperação. É preciso ganhar o tempo perdido, o tempo que foi gasto nas matas, aprisionados pelos bandidos. Os agentes de Pretória deviam ver isto. Muitos dos alunos já quase na adolescência e que fugiram porque queriam a liberdade e querem estudar.

CRIANÇAS DESENRAIZADAS

Dar a estas crianças a possibilidade de estudar e conseguir resultados é, em última análise, o objectivo dos seminários de capacitação. Neste aspecto foram já feitos estudos com as crianças de Muanza, quando do primeiro seminário, em Janeiro do corrente ano.

No desenho livre, a guerra e o banditismo armado são realidades sempre presentes no universo significativo da criança. Outro aspecto é a frequência de temas relacionados com a casa e a família e a total ausência de indicação de chão nos desenhos apresentados pelas crianças deste centro.

O grupo de peritos que durante o I Seminário estudou estes desenhos aventa a hipótese de tal significar insegurança emocional, decorrente da experiência de terem sido arrancadas da sua terra, de suas raízes e se encontrarem num centro que pode vir a ser provisório e sentirem portanto a sensação de desterro.

Como recomendação, apela para que se aprofundem este e outros aspectos que os desenhos apresentam mas, o mais importante, salienta-se, é dar a possibilidade de a criança falar através do desenho livre e do seu comentário oral espontâneo. O desenho apre-

senta, entre outras, as seguintes vantagens: ajuda a criança a elaborar melhor as suas fantasias e dificuldades; prepara o ritmo para o processo de escolaridade; pode e deve ser integrado na rotina pedagógica; serve como indicador de desenvolvimento da criança; a criança sente prazer na actividade e fica mais livre para se expressar; fornece dados sobre as suas vivências e sentimentos o facilita a integração professor-aluno e aluno-aluno.

Como resultado do seminário de Sofala, realizado em Julho, há a destacar o facto de os professores terem constatado que ao longo do primeiro semestre conseguiram resultados no melhoramento do comportamento das crianças, mais segurança e melhor participação nas aulas e em outras actividades.

Salienta-se que em todas as escolas, durante o período de adaptação, as crianças realizaram actividades diversificadas, nomeadamente jogos, dramatização de histórias, passeios, excursões e visitas domiciliárias.

Como principal dificuldade para o desenvolvimento das suas actividades, os professores queixam-se da falta de apoio das estruturas distritais e a nível provincial, falta de material escolar e do problema da nudez, principalmente em crianças que acabam de chegar aos centros de acomodação. Os professores sentem que elas não têm tido o necessário apoio e com a brevidade que seria de desejar, razão porque muitas vezes são obrigadas a desistir das aulas.

Uma das conclusões é pelo maior apoio e que a reabilitação das crianças em situação difícil se faça durante todo o ano e não somente durante o período que antecede o seu ingresso nas turmas. Argumentam que será possível o registo permanente do desenvolvimento dessas crianças numa ficha para o efeito e na qual será feita a apreciação da sua evolução, devendo a mesma estar na posse dos professores e actualizada, sempre que for necessário.

IMPRESSÕES DO SEMINÁRIO

No final do Seminário de Janeiro, também em Sofala, Eduardo dos Santos, consultor brasileiro disse, emocionado: **Agradeço a oportunidade de participar na História de Moçambique. Congratulome com as crianças de Sofala, pelo privilégio de terem como mestre os heróis que aqui estão.**

Terminado este segundo seminário, eu própria não pude deixar de sentir a mesma sensação. Mas deixemos que sejam os participantes a opinar.

Marques Canivete — Sinto que aprendi algo. Este seminário permitiu-me recordar todos os princípios básicos de Psicologia e Pedagogia que aprendi durante o meu curso de formação para o professorado. Sinto que tenho que utilizar de facto esses conhecimentos para atender as crianças em situação difícil. Estou contente pois acho que estou preparado para orientar os meus colegas no dis-

trito, mas acho que deve haver uma maior observação do nosso trabalho para poderemos melhorar.

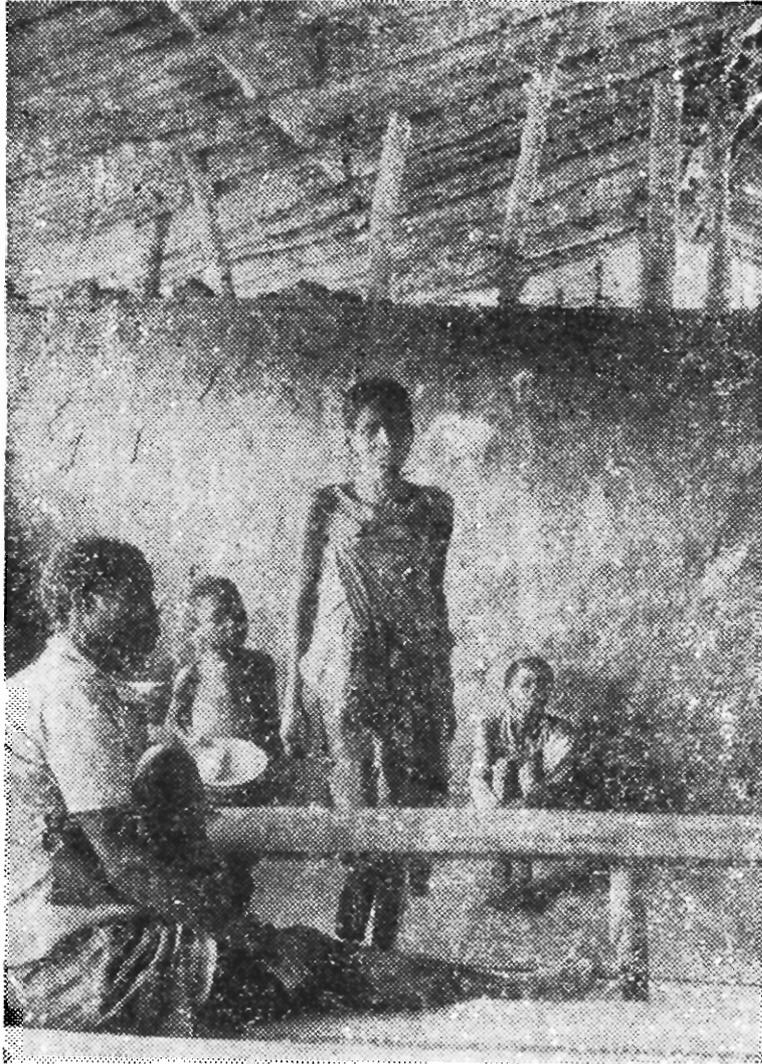
Mulisso Tiago — Penso que esta formação deve ser permanente e que em vez de ser apenas no âmbito da emergência, que seja integrada ao nível do ensino geral. Vimos, por exemplo, a importância do jogo. Temos crianças que nunca falaram português. Através do jogo é possível orientá-las para a aprendizagem desta língua. Acho que isso deveria merecer um estudo.

Atanásio Klironomos, estudante do Instituto Superior Pedagógico e professor de Psicologia, em Maputo — Nunca pensei que algum dia poderia receber aulas tão importantes de Psicologia num seminário como este. Penso que é necessário valorizar esta experiência e divulgá-la.

Roque Ajudante — Este Seminário veio elevar o nosso compromisso de que com amor e dedicação é possível avançar e educar a criança.

David Santamaria, internacionalista cubano a trabalhar no Ministério da Educação, sentiu que de uma forma geral, há algo de positivo e que existe espírito de sacrifício, abnegação e vontade de trabalhar.

Ana Rita Sithole, do Departamento de Educação Especial do Ministério da Educação, sente que se está a introduzir uma nova dinâmica no País, que está em guerra. **Há uma nova ideia sobre o trabalho de emergência, é necessário valorizar isso e desenvolver.**



Uma família acabada de chegar ao Centro de Acomodação, podendo ainda ver-se as marcas da sua vivência com os bandidos



O desenho é encorajado devido à sua importância pedagógico-didática



População da aldeia de Muanza em convívio. As latas de óleo de «xica'amidade» viraram instru-
musical



População deslocada de Muanza, vendo-se na sua grande maioria crianças. Muitas delas são órfãs ou
abandonadas, outras conseguiram passar a viver sob a responsabilidade de famílias substitutas



Um brinquedo é sempre muito importante para qualquer criança e de muito maior utilidade para as crianças afectadas pela guerra. O Director Nacional de Educação, Adelino Cruz, oferece material destinado às crianças de Muanza